

- Maréchal* (J.) — Études sur la psychologie des mystiques (I e II) Desclée de Brouwer — Paris 1938.
- Pattison* (E. M.) e *Casey* (R. G.) — Glossolalia a contemporary mystical experience em: Clinical Psychiatry and religion — Little, Brown and C.º Boston — 1969.
- Quercy* (P.) — Les hallucinations — Lib. F. Alcan — Paris — 1936.
- Ribot* (T.) — Les maladies de la personnalité — Lib. F. Alcan — Paris — 1891.
- Roldan* (A.) — Ascetica e Psicologia — (trad. G. Leoni e E. A. Souza) — Liv. Ibers Americana — Rio 1969.
- Stern* (K.) — Die dritte Revolution — (trad. H Wolff) — Otto Muller Verlag — Salzburg — 1956.
- Salzman* (H.) — Religious conversion — em: Clinical psychiatry and religion — Little, Brown and Co — Boston — 1969.
- Tanqueray* (A.) — The spiritual life (trad. Branderis) — Desclée — Co. Tournai — 1930.
- Vera* (J. M.) — Psicologia anormal y vida religiosa en las escritos de Santa Teresa de Jesus — em: Conducta religiosa y salud mental — pags. 307-321, Tal. Tip. Ariel — Barcelona 1957.
- Vallejo Najerd* (A.) — Influencia de la psicologia normal y anormal en la vida religiosa — em conducta religiosa y salud mental — pgs. 235-242 — T. Typog. Ariel — Barcelona — 1957.
- Van den Berg* (J. H.) — Metabletica (La teoria de las modificaciones) trad. Eds. Carlos Hohlé — B. Ayres — 1963.
- Verner Moore* (T.) — Heroic Santity and insanity — Grune and Stratton New York — 1959.
- Wyrsh* (J.) — Gesellschaft, Kultur and psychische Störung — G. Thieme Verlag — Stuttgart — 1960.
- Woolcott* (P.) — Pathological processes in religion — em: Clinical Psychiatry and religion pgs., 61-77 Little, Brown and Co. Boston — 1969.
- Zilboorg* (C.) — Sigmund Freud et l'activité mentale de l'homme (trad.) — les Editions du Cerf — Paris — 1957.

MEMÓRIA
DO MAR
SUBLEVADO

FERNANDO MONTEIRO

MEMÓRIA
DO MAR
SUBLEVADO

Separata da Revista
ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS
Vol. 13 N.º 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
EDITORA UNIVERSITÁRIA
RECIFE 1973

Criaturas instáveis como a água, como a água, talvez, prevalecerão afinal. Desde os albores da vida, em ondas sucessivas, arremessaram-se contra os escolhos da carne. Todas as ondas se quebraram, mas, como as do mar, também elas foram desgustando, continuamente, uma pequena ~~partícula~~ do granito contra o qual se desfizeram: — e algum dia, através das idades futuras, é possível que venham a rolar abertamente por cima do local onde o mundo material existiu, e Deus passeará sobre a superfície de tais águas. Uma destas ondas (e não a mais insignificante) eu levantei e fiz rolar à frente do temporal de uma idéia, até atingir o apogeu, rematando-se e tombando em Damasco. A água desta onda, repelida para trás, pela resistência das coisas contíguas, fornecerá material para o vagalhão que se seguirá, quando, na maturidade do tempo, o mar for sublevado outra vez.

T. E. LAWRENCE

LIVRO I
O ENTREVISTO DE AMARNA E AKHENATON

Quero voltar.
Quero voltar ao silêncio
(que era como o barro cozido,
cor do incenso que refluí no vento,
confortador e inteiriço),
o silêncio quando ofereceu seu ventre
à violência da palavra,
no hino ao Disco Solar.
Era bom pisar com os pés (inúteis)
do corpo cuja alma reconhecia
esse silêncio,
perto ainda,
no silêncio da cidade levantada
(para argamassar sonhá-Lo)
que nunca mais ressoou pelo mundo
e foi tornado o pequeno barulho de uma heresia
trezentos e sessenta e cinco quilômetros
abaixo do Nilo,
“a única da história dos egípcios”.
Mas são os outros e novos barulhos,
a ponta afiada dos inúmeros, agora,
num único segundo
(alguns vindo de um hostil futuro),
que, trespassando o ouvido,
fere já o espírito...

Quero voltar!
Ainda há a esperança
de vestígios da velha trilha obstruída,
de onde se pode partir, no rasto que a memória
decifre como poeira do silêncio
que passava por ali,
e persegui-la.

Ainda há o sabor único da alma
quando a sombra do desejo da graça,
refletido no espelho de um lago
(entrevisto por luneta),

ainda a visita.
Quero voltar!
Ainda mesmo quando fique
sem joelhos na espera,
quando o sol derreta em água
a delicada física dos olhos.
Porque depois
estarei no ventre
do silêncio-cidadela perdida
onde já serei o outro,
que é impossível imaginar,
sem olhos e sem joelhos.
— Isso dito à tripulação,
à que eu carrego,
tive a revolta, de início,
por muitos anos, e quase sucumbi
ao que queria se espojar no Ruído.
E a luta foi renhida,
pelo silêncio antigo;
só confortava-me o eco de seu sósia,
que a minha alma penetrava
pelo braço de excitada imaginação,
vez em quando, durante a luta,
e que me animava a poder,
um dia, entrever na luneta,
na determinada hora,
quando o lago, no único minuto,
refletisse a primeira pista.
Oh, minha alma teria o segundo
de júbilo que já foi escrito...

E o silêncio tão aspirado de poetas e músicos
estaria mais perto
setecentas vezes setenta mil e sete dias!

Contra a tripulação,
contra a que fora alegre capitã no meio do Ruído,
uma das primeiras vitórias

foi guarnecer de espelhos
— como um fizera, para conceber:
“Gnoti se Auton”
— o teatro da luta,
o teatro deserto onde a alma representa,
hoje, sua função obsoleta.
Pois ela se via,
e um pálido sinal da Perfeição
— o amor da Beleza —
oblíquo a nós,
a mim preferia.

A LUNETTA

O amor da Beleza,
um morto-vivo da alta destinação,
como um Cid mortal dentro de nós,
cavalga ainda,
e delata-a sempre.
O ser dividido
pode estar, metade,
voltado como esteja
contra ele
— fica a noção da Beleza
mesmo quando ela expire,
caia em pedaços ou se incendeie

por nossas mãos.

A noção:

um grito rouco de pássaro
na estepe

— e se olha para o alto
incontroladamente.

Ah, o feio aleijão
das palavras agora necessárias
e, pior, diminuídas para sempre
ao nível das estepes,
dos pantanais,

das florestas luxuriantes,
desirmãs Contigo.
Se a luta venci,
mil anos penei em seguida,
até elevá-las realmente belas
— belas somente,
sem mais nenhum peso em meu espírito,
e tão belas, ascendidas,
que um prêmio foi
a luneta.

Há que reconhecê-la entre aparentes.
As falsas nos farão olhar
como por um caleidoscópio apenas
— veremos a quinta parte
do que foi mostrado, um dia,
em tentação, àquele outro,
inclusive as cores de uma fácil santidade.
Mas não veremos
a ausência de cor
que tinge a Verdade
e as perfeitas paredes
de Seu Silêncio.
Veremos, e para temer, toda cor
e ainda mais junto de outra

— não será nunca disposição do acaso
(como nada, aliás,
perdida a Unidade
que éramos com Ele)

PALAVRAS

Somos o que não é Sua perfeição
— mas, no entanto, também
a encarnação de Sua evidência...
Vivemos Seu espectro

por sermos possíveis
somente da nossa perdição Dele;
muito se retorna,
na compreensão disso,
a partir do que,
implícito,
pisando maciamente o espírito,
vem sem ser visto:
nada pode estar contra Sua Face perfeita;
toda dor
— e toda dor leva ao Seu perfeito Unguento —
é estar fora Dele,
fora de nosso coração mesmo,
no meio da Fúria e do Ruído,
ao largo, cada vez mais,
de Seu silêncio egípcio,
que primeiro chamou:
Aton!

O ENTREVISTO

Oh, Amarna!
Oh, pobre Rei!
Na última hora das tardes,
trezentos e sessenta e cinco quilômetros
abaixo do Nilo,
o dourado não é o de Cairo,
e é mais que “enigmático”,
que “misterioso”
(ou que tão diminuído,
tão mal descrito como isso...)
O dourado vela a luz transparente
que vem corretamente do meio do dia,
suspende o pesado jogo de aparências,
e recorta todo o contorno
da ruína
com uma tristeza infinita
que incomoda homens e chacais,

por um momento,
como o da leve e orfã
vontade de lágrimas,
e a rápida reação do uivo,
também sem explicação.
É tudo que ainda resta
— e não para sempre.
A luz correta mais e mais demora
e o dourado é cada vez mais
como a vontade de lágrimas
que se aborta,
e a reação do uivo,
que é mais raro,
com lucro para o chacal
que não afugenta sua vítima...

E quando vaguearem, afinal,
sobre o chão de Amarna, a cidade,
filhos dos chacais que Akhenaton receava
(oh, Rei desfalecendo nos jardins!)
— não significa senão
o golpe final do Ruído
que vai tornar para sempre inaudível
o rio de silêncio do espírito,
repressado de Te reencontrar,
o Mar.

.....

Crianças melancólicas
(que cumpre, desajeitadamente,
alegrar)
pequenos cãezinhos cegos
(que se tem de afogar)
— o que começa essa
história de luz triste,
como pegados que voltam,
na manhã da floresta estival?
Em algum momento,
o normal equilíbrio sobre abismos
(uma façanha distraída do navio)
que está tão preparado
pela geometria e pela sensatez dos pais,
como miragem e canto de sereia,
para a criança vigilantemente amada,
em algum momento, no entanto,
apesar do grande esforço,
aderna o pequeno mundo
e o desastre silencioso
— em que altura?... —
devolve um naufrago de terra firme
às nossas extensas praias horizontais.
São as mesmas pegadas voltando
para um oceano de sombras
— que vemos vagar
no olhar do estrangeiro —
traçando um caminho perturbador,
marcando e maculando nossa areia fina.

Da primeira trajetória de estranheza,
o rastro leva ao jovem Akhenaton...
Ele apenas nasceu;
não é diferente das outras crianças;
ainda não houve melancólica...

Em que altura ele voltou
— o primeiro —
que a história inquietante dos alados
pode ter começado
num registro da crônica egípcia
dois mil anos antes do que pensa?

“Olham por detrás
de estranha névoa brilhante
— que ele desfaz, às vezes,
com uma lembrança de cautela talvez
(e então se apagam
como uma última casa
aquietada na noite)
— os olhos do jovem Faraó.

Sabe-se que os sacerdotes de Amon
os vigiam, ultimamente,
com inúmeros receios...”

Os deuses eram manchas
como as outras coisas do dia,
menos ou mais definidas:
(do avançar) no mato cerrado de palavras
meio-ouvidas,
novas e já conhecidas,
rostos próximos demais,
vozes diferenciais,
respiração,
dedos e sonhos finos (de dançarinas)
vento no cabelo
e o sono
e a manhã súbita
— ou, talvez, fossem mais
da região estranha da noite;
do raro tecido estrangeiro
feito de pequenos brilhos
e oleosa escuridão ressequida,
alto, estendido,
abrigoando o vento,
as árvores de fruto, as palmeiras,
as colunatas do templo,
e esfriando o calor do claro dia fugido
como água escura no ar...
Os mortos — perto dos deuses —
eram frios...
A que mosaico descontínuo,
aos poucos tecido
dos diversos caminhos
sempre bipartidos
de um dia
e outro
no começo

— a vida como esponja no rio
aderindo-se ao mundo
— a que se agarrariam
os fiapos de indistincões sobre deuses

quando não, na madeira
rudemente trabalhada
com estranha dessemelhança medrosa,
os que eram “os pais verdadeiros”,
“deuses”,
tantos,
atemorizavam, queriam mal,
avançariam dos nichos
(serpente-cão-lalcão-escorpião,
chacal-abutre-dentes
olhos vivos-fino focinho malévolos)
se a cabeça, abaixada como devia,
deixasse, à mercê, a nuca...
“Deuses” eram o arrepio?...
O que ziguezagueava
— como para qualquer um —
quando “deuses”
era a palavra voejante
num instante de manhã juvenil,
no meio do dia suspendendo-se,
na declarada tarde alongada,
ou, tão pior,
no vago da noite,
que o fogo, não amigavelmente,
preenchia,
luz escrava e perigosa,
amolecendo paredes
e o mais assente do dia...
O fogo era “deuses”
— que expulsava a escuridão,
como o negro líbio ladrão,

e era uma língua maldosa também,
perto da pele indefesa
à pronta dor traiçoeira
de seus serviços?...

“Deuses” não se esclarecia melhor
que o resto indeciso,
desobrigado de dimensões,
cores e exatidões depois aprendidas,
porque não são olhos, ainda,
só em determinada direção,
mas a essência de maravilhoso líquido
que produzirá visão
(como também é necessário
que os pequenos ossos moles,
sob carne quase transparente,
ganhem sua solidez
de auto-destruição)
Mas, acima de tudo,
não é, ainda, o exercício
de retilíneo pensamento
que encherá o vácuo, depois,
de seu industrioso vapor
— maior necessidade —
e tudo, então, é trespassado
e nada é precisão.

Devia, no entanto,
ao seu tempo, assumir precisão:
os deuses eram os pais verdadeiros
que haviam criado o mundo
como era,
para a felicidade própria do príncipe
e a própria do escravo,
com a sede e o conforto da sede,
o Nilo que inunda sem falta
e restaura a terra,
de lobo fertilizante,

para a grande colheita
que enche os armazéns do Faraó
que, só então, escolhe o dia
dos festejos de celebração,

dádiva, aguardado hora
de ver o seu carro, sua púrpura,
a coroa branca do Rei divino
e o sangue da garganta do escravo escolhido
e do touro sagrado,
aspergido de água benta,
antes de ser também imolado,
com maior utilidade,
pois a grande celebração
exigiria que sua carne delicada,
de amado animal,
fosse jogada
ao seu amado povo,
e uns bem se colocavam
no pátio do templo
(já acotovelados, mal o ar quebradiço
anunciava a manhã)
para receber a relíquia,
para aguardar
mais essa sorte dos restos
e levar, também, o alimento
da excelente carne para a casa,
como o sol forte,
o brilho dos adornos dos soldados da corte,
dos oficiais de crânio rapado
e untado de óleo;
o templo ornado,
os grandes panos coloridos
nas vivendas dos altos funcionários

— oh, grande dia! —
como vai tudo nos olhos,
confuso, prodigioso e amedrontador.

E o quê, senão precisão,
organizaria a cerimônia,
exatamente a mesma,
ano após ano, a cada geração,

pedindo a cheia do rio
nos obscuros ritos apropriados
que a tradição estabelecera,
mas somente permitidos
na época própria da inundação?...

Mas aqui se desviou,
para sua nostalgia impossível,
a primeira criança melancólica.

Não se trata, portanto, de que fossem,
simplesmente, formas abaixo
do crível,
representações supersticiosas,
grosseiras, vindas do limbo
da imaginação e da pré-ciência
— contra que ele tenha ido —
porque não era tão raro
quem fosse esclarecido
sobre isso
mesmo entre o povo inculto.
Não se trata de inutilidades astuciosas,
consagradas, como milhares de outras

que já tinham envelhecido uma civilização
— de cujo véu de prodígio
ele tenha desnudado —
porque os sábios de Heliópolis
e os seus discípulos inúmeros,
seus ensinamentos e observações,
sempre recopiadas nos papiros
pelo aluno do escriba,
disseminavam uma atitude realista
que diferenciava o maravilhoso
do acaso aprendido,
e sabia da necessidade
de escolher um momento propício,
procurado e lido

na matemática infalível dos céus,
para realizar uma cerimônia nova,
ou assinalar uma coroação.
Não se trata desse vôo razante
de um rei original,
que continuaria divino...
Mas, de descaminho da vida,
onde longe e sedentamente além dela,
os pés ojerizam firmar
a aventura fanada
que aprisiona espírito
— e começam as asas, então,
dessa perversão contra o mundo.

Algo atravessado na garganta:

Em algum geométrico lugar de Amarna, o Rei ora (nesse quarto final da tarde que faz retângulo severo com sua alma) — sabemos, porque passa uma funda lâmina (passa por nenhum lugar exatamente) que tenta dilacerar o distraído sentimento do mundo, e abrir-lhe a chaga do outro coração, que contempla, verdadeiro, oblíquo e recurvo (a mesma paisagem de dolorosa beleza no semblante do Rei que ora) e que a fraqueza tanto medica e a complacência, afinal, cicatriza.

Mas não é como um aviso — é o *Rei que ora* tudo que sabemos, de repente.

Inesperado e simples, é mais profundo, no entanto, que ser a ciência disso como de algo que podia ser *um homem que morre*.

Não é nada que um dedo possa apontar, ser susceptível de qualquer precisão.

Passa, e nos perfila de espírito...

Recorta o ar com sombra invisível, atravessa-o onde ia o curso das horas, e esta do quarto final da tarde suspende-se da penetrante ponta de lâmina...

O Rei ora — adianta, mais, articular (dificultosamente ainda), do que de “algo atravessado na garganta” ir até tanta exasperação da ferramenta de um escriba que não sabe, afinal, como todos, porque está ciente de que seu Rei ora em Amarna.

Ardo

— meu coração, de sua caverna,
com uma mão para fora, descarnada,
mantém o fogo de minha consciência
acima de sua dor natural, pobre forçado,
à excessiva luz
que esclarece sua cova
e consome meu caminho
que se torna cada vez mais branco e reto,
pleno de fulgor e silêncio,
amortecendo ruídos de passos
— dos outros e agora os meus próprios —
calando o coração mesmo,
fazendo-lhe o mal
de desterrá-lo para sua essência
de apenas carne, movimento e sangue,
concha onde uma água sagrada
se evapora
para restar, confundida na poeira,
como o frio vaso do altar abandonado.

Ardo

— e preciso do meu coração
não para os seus saltos de amor,
livre e leve como uma gazela,
e quente no peito,
mas escravo e acorrentado,
meio morto de frio e de medo,
a sustentar uma chama que não o aquece,
a erguê-la mais e mais alto
até a Verdade, um dia,
onde se dará o incêndio
que não lhe diz respeito, não o consome

e, na realidade, torna-o inútil,
sem pena

— então pode parar.

Ardo

— esse é todo o segredo da morte
de pássaro de certos homens.

.....

O sabor único da alma
(quando a sombra do desejo
da graça...)
sentiu-o.
Mas ainda ando
e ainda vejo,
e toda obra agora
é a da pureza,
a de manter a visão,
o sonho de Verdade e Beleza
que não pode se realizar no entanto
(destino que tem coordenadas
acima das que pode cruzar o cérebro,
nos átrios onde
só a alma penetra
e depõe seus simples esforços),
sonho impossível sobre o apoio,
a base grosseira do mundo
sob os pés
(que a genuflexão inutiliza)
confundido nas formas arredondadas
e nas cores enganosas
(a da carne, a do ouro)
para alimentar os olhos.
O outro devo esperar
(sem olhos e sem joelhos...)
sem tentar antever
(incansável vaidade da imaginação)
mas compreendendo-o somente,
indistinguível,
de fora do Ventre
onde vou sê-lo.

E embora de pés para firmar-me
e olhos para confundir-me

(a mais do rigoroso exercício da espera,
mortificante da vaidade de inteligência),
posso ainda
caminhar em busca do irmão
e vê-lo.
E a voz será perfeita ao seu encontro
na construção das pontes do Silêncio,
se o que eu fizer passar for
o conto de Seu Esplendor,
o entrevisto de Amarna e Akhenaton.

LIVRO II

À RODA DA CASA INVIOLADA

A PORTA (ENTREABERTA)

Quando o sinal obscuro
separa um da multidão
e das quatro paredes
onde dormiria a alma incolor,
ele adquire sua nitidez e sua névoa
aos olhos dos outros:
— tanto que lá está,
entreaberta,
a porta do quarto
e a indeterminação de fascínio temeroso
não deixa prosseguir
o tímido amigo
admitido ao seu silêncio uma vez
(amargurando o incômodo calor
no peito,
que ficou também parado
a meio caminho da raiva
e da devoção)

Não entra, ele;
permanece fora,
alongando a pergunta
a qualquer um mais perto,
se devem entrar ou não,
enquanto procura que lhe baste
a visão do pulso descansado
e uma secção do dorso
(que passa pela feminilidade,
mas se afirma másculo
à mirada atenta
— percurso inquietante e indispensável
de sua graça)

onde pousa,
afinado
(antes da mão juvenil,

vincada precocemente
como por pensamentos
que também se espraiassem por ela)
marcado
por leve claridade da pele
onde não está a correia do relógio,
descuido ou descanso
como um selo
de sua estranha disposição de humildade,
suportação do mundo
e paciência
para com os homens opacos,
que são massa insuportável
ao gume de seu sonho
afiado nos olhos
("muito azuis", foi a cor
confundida com isso)

.....

O instante permitido à indecisão
e articulação da pergunta
se esgotaria,
não entrando ninguém,
como estava tácito.
E ele continuou separado,
entre as quatro paredes
que não o continham.

À JANELA (E NA PROA)

Homens que são avistados
no castelo da proa,
na sua informe insatisfação
do comando,
que procuraram, no entanto,
como água potável
que amenizasse uma sede
cheia de lágrimas;
perdidos vultos
no meio de sua carne
e sua identidade
irrecusáveis,
côncios da representação o tempo todo,
remota e longa,
de seu excesso
e sua maravilha
passando
como uma estação
— "a vida" continuamente —
troca de horas de sono
entre a "confusão dos sentidos"
e a alta vigilância de fogo
— "a consciência" permanentemente —
côncios dos momentos de baixa comédia
que se desenrola intoleravelmente
para sua pretensão
(que odeiam também)
de grandes atores falseados,
imaginados laboriosamente
por si mesmos...

É esse concêntrico sem saída
(inclusive do desamor respeitoso
que se devotam)
que faz sua necessidade de portas
como as, imensas, do mar

e dos desertos,
ou, escamoteadas (atraktivamente),
as que abrem para lugares e mentes
estranhas até o asselvajamento,
portais de "exotismo"
que transpõem com alegria
para a bruma de outras terras,
até a sufocação inevitável
de se esclarecerem

(eram vistos, então,
à janela de uma Governança Geral,
"vagos e entristecidos" de novo,
antes do assalto de exasperação sem nome,
cativa de novo além,
cegando-os para a "obra da vida"
ou o "doce amor inocente encontrado"
— ou, apenas, "boa terra firme" —
tudo que deixariam para trás
no sôfrego desvio
de permitir sensato apego
e, mesmo, amor
ao Carcereiro e à Cela)

DE FORA (NO VESTÍBULO)

Estar escolhendo,
com certa impunidade,
ou ter sido escolhido,
às vezes, para nada
— não permaneceste na dúvida
como fazem os homens estacados
em patamares e terraços,
olhando para dentro,
de fora.

Saíste da imóvel e pesada
invenção humana
— a falsa casa —
e não tiveste receio
de encontrar a nudez do Pai
no lar verdadeiro;
porque vinhas já ruborizado
(Ele te deu a capacidade)
exatamente
da variedade opulenta,
opaca e aceita
pelos milênios da corrupção
de nossa água parada,
como vegetação luxuriante
crescia inevitavelmente
do pântano que adubamos,
da vida que cicatrizamos
em maior ou menor tempo
(mas sarados são todos esses
no vestíbulo,
na desolação informe,

no amor perigoso e indeciso
pelo que passa
à frente

de raro em raro,
com a ferida aberta,
que flameja)

Não se pode aventurar, no entanto,
com o que te deparaste
passado à obscuridade
que desencoraja
a multidão saudável
à porta.

A língua do errante
em seu quarto,
que falavas ainda, como desde sempre,
intraduzível no olhar,
tornou-se morta.
E não te fez falta
o código mais precário ainda,
que serve somente
(subvertido)
para animar jogos de sombra
como a Poesia.

Teu passo
— que os homens se preparam
para apagar
(e aos círculos devastadores
da pródiga perturbação
de nossos lagos
à tua passagem sem forçá-la,
de nuvem,

arrebatando, no entanto,
salas quietas e sonos subterrâneos
do rebanho,
de que te excluístes
pelo único caminho
do aniquilamento honrado)

— teu passo contrário,
foi para menos que nada, na verdade,
antecipado a quem escolhesse
a infelicidade dos homens:
escolheste-a maior para ti
sem um instante de dúvida
que te paralisasse
ao lado dos outros
e devolveste essência
que se evoluiu
para o céu estrelado da casa,
quando te apunhalaram
lá dentro,
por tua vontade
cravada permanentemente
no coração da vida.

SOMBRA E CLARO (DO JARDIM)

A manhã nova se dissimulará
por trás do dia
feito para avançar
entre arcadas
como uma sombra,
uma forma sociável
do Senhor Negro implacável,
do Sarraceno sombrio
que conta, interminavelmente,
cada dia arrancado
às suas estranhas de mesquinhez
(e que, assim oculto e atento,
passeia no meio de nossa felicidade)
— mas não importa,
se deslizares de impossível lembrança,
como brisa inesperada
no afogueado jardim,
com tua dor no olhar
e na estranha palavra desgarrada
de quem colheu
“as rosas tristes do mundo”
(entre todas a escolher)
pela própria vontade,
enlouquecida de exclusão,
que arremessavas com a capa
sobre o ombro,
com a negligência do ânimo
por mais peso de destino infeliz,
contanto que viessem as lágrimas compatíveis
— silenciosas e sem reclamação —
do espírito afundado,
rio subterrâneo.

MESA E QUARTO (VAZIOS)

Tropel e fanfarras;
os carros livremente decorados,
conduzidos por cavalos
que a tolerância
de “homens esclarecidos”
(também admitindo uma piada
até certo ponto apimentada,
na frente das esposas escamosas
que vigiam a aparição
do tocador de flauta,
no jardim gradeado,
entre suas alegres crianças
que ali foram conduzidas
para brincar até a hora do banho,
antes do fim da tarde)
considera de “raça estranha”,
e conjectura de onde virão eles
e aquela gente,
decidindo-se por admitir
“as estranhezas do mundo”
— desde que não os acompanhem
à mesa do jantar,
na pergunta ansiosa
do filho mais remoto,
que chega atrasado
à sua cadeira.

“Não”
— afinal, é várias vezes
resposta,

nesse instante,
em cada casa,
encerrando a questão
sobre irem ao “espetáculo de ciganos”
ou que nome dêem:
“mascarados”

“atores ambulantes”
“eslavos”
“essa gente”

Mas a tranquilidade
ficará suspensa,
como o guardanapo
do momento de olhar
sem confiança,
quando esse filho
recusa fruta e sorvete caseiro
e deixa sua cadeira pequena,
enormemente vazia
ao fim da mesa.

Tropel e fanfarras
sempre perturbam
a vida da família.
O tocador de flauta
poderia aparecer
de trás da cortina puída,
para o centro do picadeiro,
como parte do espetáculo
inocentemente...

É com um passo
também de certo “esclarecimento”
ou fatalismo
(se nós soubéssemos,
nas regiões altivas do norte do globo,
do que se trata, realmente)
que o pai estranha
a corrente de vento
e se depara com invasão
e chamado de estrelas,
pela janela da fuga,
no quarto onde só está
o filho compreensível,
que dormiu indiferentemente
— “graças a Deus”.

O PELOS CANTOS, CONDENADO (A ADOLESCÊNCIA)

Da adolescência
ficou uma oportunidade
de piada bem explorada
e a parte interna da coxa
erguida para a luz do sol
distradamente,
ofertando redonda intimidade
ao côncavo da palma.
O momento de piada
não é tão claro,
mas vaga:
alguém está empinado
na pequena escada entre estantes
e a poeira
e o trabalho,
fraternalmente repartidos,
espalharam risonha amizade
pela sisudez dos livros;
mas quem diz a graça irresponsável
está embaixo
(devo ser terceiro, eu)
e não há como lembrá-la,
nem é importante.

Breve não vestirei
siquier esses trapos
da adolescência
— e tudo será fábula

contada, alheia e explicada
por mim mesmo,
sem muito empenho e esperança,
ao seu personagem principal
— segundo ele e eu
acreditávamos,
olhando-nos ao espelho.

A CIDADE (AVISTADA)

A cidade sempre
fica no seu mesmo lugar
de modorra
e nenhuma atenção
de cão velho
à perturbação das moscas;
em vão,
esta onda de meu ser,
como a de terrível calor,
reflui,
espiralando-se,
revoluteante de solidão sobre si mesma
(sua nenhuma base de fluidez,
irreptibilidade e vago)
para desaparecer
como o nada
que desconfiamos que seja,
no testemunho da cidade
— ameaçados de não voltar
de cada
esquina
trespassada.

O VELHO DA MONTANHA (UM DOS FANTASMAS)

O velho da montanha
sabia qualquer coisa
de desesperador,
que levou para o túmulo
e só uma vez
foi murmúrio terrível,
frase enviesada,
obscuridade da poesia,
breve insanidade
— nada para o entendimento, afinal,
de pobres homens compenetrados
da vida satisfatória ou não,
como bons artesãos e lavradores,
que eram seus asseclas
assistentes dessa vez primeira e única,
pobres bons degoladores
(os melhores da Arábia).
Algo inesperado, de fato,
incompreensível, vago,
que não chamaram de
colapso de mágoa e cansaço
(com um poeta cego identificou,
mais tarde, através do véu
de várias versões assustadas)
— mas tiveram a sensatez
de cheirar a beberagem
que lhe tinham servido
sem muito resultado:
bom café da Síria

que não enfraquecera
o sangue do velho proscrito.

O que, então, trouxera-lhe
lágrimas!,
lágrimas furiosas,

começos de frases sobre "solidão"
"meias verdades"
"fiapos de confissões"
"desculpas desencorajadas"
e "desaparição, a cada instante"
e uma espécie de pergunta
(a nenhum dos degoladores exatamente)
sobre se "era possível crer,
levar avante essa façanha
como cristal rolado,
de louca carruagem,
intacto..."
(os degoladores se entreolhavam)

Ele disse que aquilo
era tudo;
que lhe oprimia
a desesperança
("uma simples palavra...
— mas são elas que restam,
mesmo incapazes
e aquém, horrivelmente aquém
do coração encurralado...")
... um certo senso
de multiplicidade demasiada
com velocidade e dissimulação

de nuvens,
que tinha enlouquecido
a generosidade de sua juventude.

Sufocado de nada
— como uma lufada de sol rude
entre as barracas de Damasco,
que paralisa o passo
e o dia
por toda uma hora
de misteriosa suspensão

e separação desolada
do corpo,
contemplado com desprezo,
mágoa e cansaço,
até vir
a conciliação da tarde
com timidez da gazela
e do engano piedoso...

Tinha sido tudo
muito rápido;
e a vida, de resto,
não era mais longa
— apenas hábil,
com seu jogo de pálpebras;
agora ele experimentava
saudade de ser levado
por sua mão solícita,
e, não, ter ficado à margem,
sabendo da pequenez do caminho
— que não é caminho —
fechando os olhos

como ao sol,
para anulá-lo,
tateando às cegas
na escuridão
de seu testemunho do mundo,
até ter essa sufocação
da nebulosidade que nos sonha
e apaga...

Ele ia dizer mais
— mas parece ter desconfiado
(era um homem impossível de se enganar)
de que a mão se oferecia
(segundo o poeta cego)
como se oferecia a morte

— que é o outro nome da vida —
muito simples,
ao seu complexo chamado.
Ao menos a carregá-lo,
de novo,
para a faina
de dizer a verdade,
trabalho juvenil e vergonhoso
que ele não queria, de fato,
como aos outros.

E seus homens já estavam
francamente escandalizados.

Calou;
expulsou-os;
estrangulou a nova concubina
perto da madrugada

(sem dor,
estilhaçada no prazer
que a desvairava)
e quase recuperou
a plena confiança
dos fiéis degoladores
(a prova de que nunca mais
foi total, no entanto,
é essa memória persistente
da exibição de fraqueza
que o excluiu
da confiança dos homens)

DESESPERANÇAS (VOZES DA CASA)

DA SABEDORIA
DA SINCERIDADE
DA LIBERTAÇÃO
DA POESIA

Nunca poderemos contemplar
além da sombra rápida,
que já passou
— se passou.

Ou, da luz,
será tudo
poder reconhecer seus breves halos
— como a do astro-rei entre as árvores.

Nunca cairá o véu rendilhado,
tecido fácil de nossa dúvida solícita,
sempre próxima para nos puxar pelo ombro,
desde que há solidão.

Não há solução
senão a de sermos fraudulentos
fervorosamente.

Nenhuma inocente sinceridade
pode cavalgar
criaturas tão híbridas
como a Verdade é capaz de gerar
fora de seu corpo,
sem que sejam menos rebentos seus,
mãe oblíqua.

Asas
é a palavra que penetra
e apreciam misteriosamente
dentro, perto, fora de mim.

Mas é logo alcançada
pelo pensamento,
anquilosado captor
que frustra consolação
ao como prisioneiro (seu também)
dentro, perto, fora de mim.

Porque nada que outro diga
— ou tenha dito —
serve inteiramente
para o coração de agora,
que é o coração de sempre,
por mais caminho aberto apenas,
e, no entanto,
de imediato novo e diverso.

Assim, só se logra recomeçar,
indestinguivelmente, o começo,
e nem de volta, do fim, mas
apenas de onde a memória jaz morta de fato,
insepulta ou não,
o que não é o problema,
porque sua inutilidade,
o principal,
restaura a primeira pergunta
da solidão,
que só responde
ao seu próprio obreiro,
ao que escolheu os tijolos
de sua laboriosa e inadvertida
construção
em que só produzirá eco
o grito dele mesmo;
porque nada que outro diga

.....

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

(Anteriormente publicada sob o nome:
Estudos Universitários. Revista de Cultura
da Universidade | do | Recife)

Editada, trimestralmente, pelo Departamento de Extensão
Cultural da Universidade Federal de Pernambuco

Impressa nas Oficinas Gráficas da Editora Universitária
Capa de Wilton de Souza

Número avulso: Cr\$ 5,00; atrasado: Cr\$ 8,00

Assinatura anual (quatro números): Cr\$ 15,00

Estrangeiro: número avulso: US\$ 1.00; atrasado: US\$ 2.00

Assinatura anual: US\$ 6.00

ENDEREÇO: Rua Moraes Rêgo — Cidade Universitária
RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Est-s univ-s R. Cult. Univ. Fed. Pe., Recife, 13 (1): p. $\frac{5-98}{1-48}$ Jan.-Mar. 1973